

Pais e Filhos

Ivan Turgueniev

Título original:

Отцы и дети (Otsi i diéti)

Tradução:

Ivan Emilianovitch

I

– Não veio ainda, Piotr? – indagava, em 20 de maio de 1859, um senhor que aparentava uns quarenta anos de idade, saindo sem chapéu à porta da hospedaria da estrada N. Vestia um capote empoeirado e calça xadrez. Aquelas palavras eram dirigidas a um criado seu, moço de rosto largo, com barba loira e rala no queixo, e olhos estreitos e turvos.

O criado tinha algo de particular: usava um brinco barato numa das orelhas, cabelos tingidos e de cor indefinida, e seus movimentos respeitosos eram os de um homem moderno, pertencente a uma geração adiantada. Escrutando com o olhar a estrada que se estendia a perder de vista, respondeu com uma calma e distinção que lhe pareciam peculiares:

- Não vejo ninguém ainda.
- Não vê mesmo nada? – tornou o fidalgo.
- Nada, senhor – respondeu o criado.

O fidalgo suspirou e acomodou-se num banco. Enquanto está sentado à espera de alguém, de pernas cruzadas e olhando pensativamente em torno, vamos travar conhecimento com ele.

Chama-se Nicolau Pietróvitch Kirsánov. A quinze quilômetros da hospedaria, possui uma propriedade agrícola com duzentos servos. Segundo suas próprias palavras, depois de resolver a questão agrária com os mujiques, organizou suas fazendas de dois mil hectares de terra. Seu pai, general em 1812, era um russo, quase analfabeto, rude, mas não totalmente mau. Toda a sua vida dedicara-a ao exército e à sua rotina. Foi primeiramente general-de-brigada, depois general-de-divisão, passando a seguir à atividade na província, onde, por seu posto no exército, desempenhava papel de destaque. Nicolau Pietróvitch nasceu no sul da Rússia, assim como seu irmão mais velho, Páviel, de quem falaremos mais adiante. Foi educado em casa até os catorze anos de idade, cercado de preceptores medíocres, ajudantes-de-ordens manhosos e dados à bajulação, e outras personalidades do regimento e do Estado-Maior. Sua mãe, pertencente à família Koliássin, Ágata quando solteira e Agafokléia Kusmínichna Kirsánova quando generala, pertencia à classe das “mães-comandantes”; usava toucas de renda e vestidos farfalhantes de seda. Na igreja, era a primeira a beijar a cruz; falava alto e demasiado; permitia pela manhã que seus filhos lhe beijassem as mãos, à noite lhes dava a bênção e, em última palavra, vivia sossegadamente e a seu bel-prazer. Na qualidade de filho de general, Nicolau Pietróvitch – que nunca foi corajoso e até passava por covarde – foi obrigado, como seu irmão Páviel, a fazer o serviço militar.

Entretanto, fraturou uma perna no mesmo dia em que recebeu a comunicação da sua incorporação no exército. Passou dois meses de cama, e ficou “aleijadinho” para toda a vida. O pai não se importou com o caso e concordou com a sua carreira civil. Levou-o a São Petersburgo, quando completou dezoito anos, matriculando-o na universidade. Ao mesmo tempo, seu irmão ingressou num regimento da Guarda Imperial. Os rapazes passaram a viver juntos, no mesmo apartamento, sob os cuidados do tio por parte materna, Iliá Koliássin, alto funcionário do Estado. O pai voltou ao comando da divisão e à companhia da esposa. De quando em quando enviava aos filhos, pelo correio, grandes folhas de papel acinzentado cheias de letras amplamente desenhadas pelo escrivão do regimento. No fim de todos esses escritos apareciam infalivelmente, em caligrafia caprichada, as seguintes palavras: “Piotr Kirsánov, general-de-brigada”. Em 1835, Nicolau Pietróvitch deixou a universidade, candidato à docência do mesmo estabelecimento. No mesmo ano, o General Kirsánov, reformado em consequência de uma revista militar infeliz, chegou a São Petersburgo, em companhia da esposa, para ali fixar residência. Logo após ter alugado uma casa próxima ao Jardim de Táurida e haver-se inscrito como sócio do Clube Inglês, morreu repentinamente de um colapso. Agafokléia Kusmínichna seguiu-o, pouco depois, ao túmulo: nunca pudera habituar-se à vida obscura na capital. A nostalgia causada pela reforma militar, prematura, a seu ver, consumiu-a.

Nicolau Pietróvitch, ainda em vida dos pais e bem contra a vontade deles, apaixonou-se pela filha do funcionário público Prepoloviênski, senhorio da sua casa. Era uma boa moça e, como se diz vulgarmente, educada. Nas revistas, lia somente os artigos sérios, subordinados ao título geral Parte Científica. Casou-se com ela, logo que passou o período de luto, e, abandonando o ministério, onde seu pai lhe conseguira um emprego por proteção, gozou as delícias da vida em companhia de sua Macha. Primeiramente numa vila perto do Instituto Florestal, a seguir na cidade, num pequeno e lindo apartamento, de escada muito limpa e sala de visitas um pouco fria, e por fim no campo, onde se instalou definitivamente e onde nasceu o primeiro filho, de nome Arcádio. Os esposos viviam otimamente. Nunca ou quase nunca se separavam um do outro; liam juntos, tocavam piano a quatro mãos, cantavam duetos. Ela plantava flores, tratava das aves, e ele praticava a caça e administrava a propriedade. Arcádio crescia tranqüilamente. Passaram assim dez anos, como um sonho. Aos quarenta e sete faleceu a esposa de Kirsánov. Foi bastante rude esse golpe. Em poucas semanas ficou de cabelos brancos. Quis ir para o estrangeiro, a fim de distrair-se, mas... veio o ano de 1848. Contra a sua vontade, voltou ao campo e, após prolongada inatividade, foi absorvido temporariamente pelas preocupações domésticas. No ano de 1855, levou o filho para matricular na universidade. Passou com ele três invernos em São Petersburgo, não indo quase a parte alguma. Travou

relações com os jovens colegas do filho. Durante o último inverno, Arcádio não pôde visitar o pai. E vemo-lo, agora, em maio de 1859, de cabeça inteiramente alva, obeso, corcunda até. Espera o filho, que, no curso da universidade, recebeu o grau de candidato ao cargo de catedrático.

O criado, por um sentimento de respeito e talvez evitando os olhares do amo, foi ao portão para acender o cachimbo. Nicolau Pietróvitch inclinou a fronte tristemente, e pôs-se a examinar os velhos degraus da escada. Um pinto gorduchinho e de penugem irisada percorria os degraus, raspando o chão com as suas patinhas amarelas. Uma gata muito suja olhava-o atenta e hostilmente, encostada ao corrimão. O sol ardia. Do vestibulo escuro da hospedaria vinha um cheiro de pão quente de centeio.

Nicolau Pietróvitch continuava meditativo.

“Meu filho é candidato... meu pequeno Arcádio...”

Essa idéia não lhe saía da cabeça, por mais que se esforçasse por pensar noutra coisa. Voltava imperiosa, sempre.

Lembrou-se de sua falecida esposa.

“Não chegou a sentir a alegria deste momento...”, pensou com tristeza.

Um gordo pombo azul desceu à estrada para saciar a sede numa poça vizinha da cisterna. Nicolau Pietróvitch fitava-o atentamente, ao passo que seus ouvidos já percebiam distintamente o ruído das rodas do carro que se aproximava.

– Parece que estão chegando – disse o criado, saindo do portal.

Nicolau Pietróvitch estremeceu e lançou um olhar à estrada. Apareceu um carro tirado por três animais, onde ele podia distinguir a distância o gorro de estudante universitário e os traços imprecisos de um ente querido...

– Arcacha! Arcacha! – exclamou Kirsánov, e correu agitando os braços.

Momentos depois, seus lábios tocavam enternecidamente o queixo barbeado, empoeirado e moreno do jovem candidato à cátedra universitária.

II

– Deixe-me ao menos respirar, papai – dizia com voz vibrante o jovem, e, ao mesmo tempo, alegre e expansivo, correspondia às gentilezas paternas: – Cuidado com o pó. Não me responsabilizo pela sua toailete...

– Não importa – repetia Nicolau Pietróvitch, sorrindo comovido. E, batendo na gola do capote do filho e no seu próprio sobretudo, disse, afastando-se um pouco: – Como você está mudado, que rapagão!

E encaminhou-se imediatamente para a hospedaria, dizendo ao filho: – Por aqui. – E para o criado: – Quero cavalos; depressa!

Nicolau Pietróvitch parecia mais agitado que seu filho. Aparentava confusão e receio. Arcádio observou-lhe:

– Papai, quero apresentar-lhe meu bom amigo Bazárov, sobre quem lhe falei tantas vezes em minhas cartas. É tão gentil, que resolveu ser nosso hóspede por alguns dias.

Nicolau Pietróvitch voltou-se, e, dirigindo-se a um rapaz alto, trajando um capote exageradamente comprido, agalado, que acabava de sair do carro, apertou-lhe fortemente a mão nua e vermelha, que lhe foi oferecida de boa vontade.

– Muito obrigado – disse; – agradeço-lhe a gentileza e a bondade de nos visitar. Espero, Sr...?

– Eugênio Vassílievitch – respondeu Bazárov com voz indolente, porém máscula. Descendo a gola do capote, mostrou a Nicolau Pietróvitch o seu rosto, estreito e magro, com a testa larga e projetada para trás, nariz aquilino, grandes olhos verdes e suíças de um loiro esbranquiçado, tudo iluminado por um sorriso tranqüilo que exprimia confiança em si e inteligência.

– Espero, caríssimo Eugênio Vassílievitch, que lhe agrade a nossa casa – continuou Nicolau Pietróvitch.

Os lábios finos de Bazárov mal se moveram. Nada respondeu. Limitou-se a levantar ligeiramente o gorro. Seus cabelos castanho-claros, espessos e compridos, não ocultavam as saliências bem-pronunciadas do seu crânio.

– Que faremos então, Arcádio? – tornou Nicolau Pietróvitch, falando ao filho. – Convém preparar os cavalos? Querem descansar um pouco?

– Descansaremos em casa, papai. Mande preparar a condução.

– Imediatamente – disse o pai. – Olá, Piotr, está ouvindo? Fica tudo a seu cuidado. Depressa.

Piotr, criado-modelo, que não beijava a mão do jovem fidalgo, apenas inclinando-se diante dele, e isso mesmo a distância, desapareceu novamente pelo portão.

– Tenho meu carro aqui. Para o seu também reservei três animais – dizia preocupado Nicolau Pietróvitch, enquanto Arcádio bebia água de uma vasilha de ferro que lhe trouxe a dona da hospedaria. Nesse ínterim, Bazárov

acendia seu cachimbo e aproximava-se do cocheiro, que desatrelava os animais.

– O carro só tem dois lugares. Não sei como se arranjará o seu amigo...

– Ele irá no outro carro – replicou em voz baixa Arcádio. – Por favor, não tenha cerimônia com ele. É um bom rapaz. Muito simples, como há de ver.

O cocheiro de Nicolau Pietróvitch levou os animais para fora.

– Vamos, barbudo! – disse Bazárov, dirigindo-se ao cocheiro.

– Está ouvindo, Mitiúcha – exclamou outro cocheiro, com as mãos nos bolsos do seu capote de peles –, como lhe chamou o fidalgo? Você é mesmo barbudo.

Mitiúcha limitou-se a sacudir o seu gorro e puxou pelo freio o animal suado.

– Vamos, rapazes; depressa! – exclamou Nicolau Pietróvitch. – Terão uma boa gorjeta.

Em alguns minutos os animais estavam atrelados. O pai e o filho acomodaram-se num carro. Piotr subiu à boleia. Bazárov tomou outro carro e recostou a cabeça numa almofada de couro. Ambos os carros partiram.

III

– Finalmente o vejo em casa, candidato à universidade – disse Nicolau Pietróvitch, batendo ora no ombro ora no joelho de Arcádio. – Finalmente!

– E o tio, como está passando? – perguntou Arcádio. Apesar da alegria sincera e quase infantil de que lhe transbordava a alma, Arcádio se esforçava o mais possível por trocar o assunto palpitante por uma palestra comum.

– Está muito bem. Queria vir comigo. Resolveu o contrário. Não sei por quê.

– E você me esperou muito tempo?

– Umas cinco horas.

– Boníssimo! Que paciência!

Arcádio, voltando-se vivamente para o pai, beijou-o rumorosamente na face. Nicolau Pietróvitch riu-se em silêncio, satisfeito.

– Reservei um excelente cavalo para você! – começou ele. – Logo o verá. As paredes do seu quarto foram forradas de papel.

– Temos um quarto para Bazárov?

– Teremos um para ele também.

– Faça-me um favor, papai. Trate-o bem. Nem pode imaginar como aprecio sua amizade.

– Conhece-o há muito?

– Há pouco.

– Não tive ocasião de vê-lo durante o inverno passado. Que faz ele?

– Dedicar-se de preferência às ciências naturais. E sabe tudo. O ano que vem, pretende ser médico.

– Ah, sim! – observou Nicolau Pietróvitch. – Faculdade de medicina. Piotr – acrescentou, estendendo a mão –, serão os nossos mujiques que estão chegando?

Piotr olhou na direção indicada pelo amo. Alguns carros, puxados por animais sem freios, corriam rapidamente pelo caminho estreito. Em cada carro havia um ou dois mujiques com os capotes de pele abertos.

– Exatamente – disse Piotr.

– Vão para a cidade? – perguntou Arcádio.

– Parece que vão para a cidade. Para a taberna – respondeu Nicolau Pietróvitch, com ar de desprezo, voltando-se para o cocheiro, como se quisesse ouvir-lhe a opinião. Este nem se moveu. Era um homem à antiga e estranho às idéias modernas.

– Este ano tenho tanto trabalho com os meus mujiques – continuou Nicolau Pietróvitch, dirigindo-se ao filho.

– Não pagam as dízimas. Que hei de fazer?

– Satisfazem-no os trabalhadores assalariados?

– Sim – respondeu por entre os dentes Nicolau Pietróvitch. – Maltratam-nos, eis a verdade. Ainda não vi boa vontade para trabalhar. Estragam as peças de atrelar, mas aram bem, apesar de tudo. Com paciência tudo se fará. Interessam-lhe porventura as coisas da fazenda?

– Não temos sombra suficiente, eis o que me preocupa – observou Arcádio, sem responder à última pergunta.

– Do lado norte mandei instalar uma marquise sobre o terraço – disse Nicolau Pietróvitch. – Podemos agora tomar as refeições ao ar livre.

– Tudo isto tem certamente a aparência de vila... Mas não tem importância. Que ar temos aqui! Que aroma! Nunca senti em parte alguma um aroma igual a este! E que céu...

Arcádio calou-se de repente, e olhou para trás algum tempo.

– Realmente – disse Nicolau Pietróvitch –, é natural: você nasceu aqui. Tudo deve parecer-lhe extraordinário...

– Para o homem é indiferente, papai, o lugar de nascimento.

– Mas...

– Não. Afirmo-lhe que é indiferente.

Nicolau Pietróvitch olhou para o filho de soslaio.

Andaram meio quilômetro, sem reataram a conversa.

– Não me lembro se lhe escrevi – principiou Nicolau Pietróvitch –, mas a antiga ama Iegórovna faleceu.

– Será possível? Pobre velhinha! E Prokófitch ainda está vivo?

– Sim; é o ranzinza, de sempre. Em suma, grandes mudanças você não encontrará em Mariino.

– Seu administrador ainda é o mesmo?

– Não. Tive que o substituir. Resolvi romper com todos os servos espontaneamente libertos, ou, em última análise, não lhes confiar quaisquer tarefas de responsabilidade. – (Arcádio indicou Piotr.) – *Il est libéré, en effet* – disse baixinho Nicolau Pietróvitch –, e é o chefe da criadagem. Meu administrador atual descende de burgueses. Parece-me um homem ativo. Pago-lhe duzentos e cinquenta rublos por ano. No mais – acrescentou Nicolau Pietróvitch, passando a mão pela testa, o que era sinal de confusão íntima nele –, já lhe disse que não encontrará mudanças em Mariino... isto é, para falar a verdade, devo preveni-lo ainda de que... Após um breve silêncio, continuou em francês:

– Um moralista severo estranhará minha sinceridade. Entretanto, em primeiro lugar não posso ocultá-lo, e, depois, já sabe que sempre defendi princípios especiais nas relações entre pais e filhos. Quanto ao resto, evidentemente terá direito de censurar-me. Na minha idade:... Afinal, essa... essa jovem de quem já deve ter ouvido falar...

– Fiênitchka? – indagou com simplicidade Arcádio. Nicolau Pietróvitch corou.

– Não fale tão alto, por favor... Efetivamente... ela agora vive comigo. Instalei-a em casa... em dois pequenos quartos. Poderei fazer que se mude.

– Por quê?

– Seu amigo será nosso hóspede... não é direito...
– Quanto a Bazárov, peço-lhe que não se preocupe. Ele está acima de tudo isso.
– Já sei como você é – disse Nicolau Pietróvitch.
– O quarto é muito pequeno, eis o importante.
– Que diz! – exclamou Arcádio. – Parece que me pede desculpas. Não posso admitir isso.

– Com efeito, sinto-me envergonhado – respondeu Nicolau Pietróvitch, corando cada vez mais.

– Basta, papai, basta, por favor! – disse Arcádio, sorrindo maliciosamente. “Que pecado pretende expiar!”, pensou. Um sentimento de compaixão para com o bom pai e uma sensação de perfeição desconhecida inundaram-lhe a alma. – Basta, por favor – repetiu ainda, sentindo-se plenamente satisfeito com sua própria maturidade e liberdade.

Nicolau Pietróvitch fitou-o por entre os dedos, com que continuava a esfregar a testa. Algo tocara-lhe dolorosamente o coração... Assim mesmo, acusou-se a si próprio.

- Já estamos vendo as nossas terras – disse após longo silêncio.
- Lá adiante é o nosso bosque? – perguntou Arcádio.
- É ele mesmo. Vendi-o, porém. Este ano será derrubado.
- Por que o vendeu?
- Precisava de dinheiro. Além disso, essa terra passa aos mujiques.
- Os que não lhe pagam a dízima?
- Isso é com eles. Hão de pagar um dia.
- Tenho pena do bosque – observou Arcádio.

Os lugares por onde passavam não se podia dizer que fossem pitorescos. Campos e mais campos estendiam-se até o horizonte, ora elevando-se suavemente, ora abaixando-se de novo. Aqui e acolá viam-se pequenos bosques e depressões, com uma vegetação escassa de arbustos, lembrando perfeitamente a sua representação nas antigas plantas do tempo de Catarina II. Riachos com as margens escavadas e pequenas represas gastas pelo tempo, assim como aldeias de cabanas baixas de telhados escuros e mal conservados; pequenos depósitos de debulhar o trigo, tortos e com as paredes feitas de varas trançadas; igrejas, ora de alvenaria, com o reboco gasto em alguns lugares, ora de madeira, com as cruzes inclinadas; e cemitérios devastados. O coração de Arcádio confrangia-se pouco a pouco. Por uma coincidência, os mujiques que encontrava eram todos maltrapilhos e conduziam animais

magríssimos. À semelhança de verdadeiros mendigos esfarrapados, as árvores que ladeavam a estrada estavam descascadas e com os galhos partidos. As vacas, magras, peladas e esqueléticas, devoravam sofregamente a escassa erva das valetas. Parecia até que acabavam de livrar-se das garras ferozes e mortíferas de algum monstro. O triste aspecto dos animais exaustos, num dia avermelhado de primavera, evocava o fantasma branco de um inverno lúgubre e interminável, com as suas tempestades, frios e gelos... “Não”, pensou Arcádio, “não é muito rica esta região. Não impressiona pela opulência e pelo trabalho. Não pode ficar assim; impõem-se reformas... Mas como executá-las, como iniciá-las?...”

Assim pensava Arcádio... e, enquanto isso, a primavera fazia valer os seus direitos. Tudo em redor era de um verde dourado. Tudo se agitava ampla e suavemente, ondulando ao sopro de uma brisa quente. Tudo — árvores, arbustos e relva. Por toda parte vibrava interminavelmente o canto das aves que pairavam bem alto sobre os prados e saltitavam de moita em moita. Como manchas escuras no verde intenso dos campos semeados, passeavam as gralhas, que desapareciam nos campos de centeio já esbranquiçados. De quando em quando, surgiam-lhes as cabecinhas no ondulante oceano do trigal. Arcádio contemplava a paisagem. Enfraquecendo pouco a pouco, suas reflexões desapareceriam... Deixando o capote, fitou com tanta alegria o pai, que este não pôde deixar de abraçá-lo de novo.

— Agora estamos perto — disse Nicolau Pietróvitch. — Basta subir este morro e veremos nossa casa. Vamos viver bem, Arcádia. Há de ajudar-me nos trabalhos da fazenda, se isso não o aborrecer. Temos necessidade agora de nos aproximarmos um do outro, de nos conhecermos bem, não é verdade?

— Perfeitamente! — respondeu Arcádio, e olhando em volta: — Que lindo dia faz hoje!

— É uma homenagem à sua chegada, meu filho. A primavera manifestasse em todo o seu esplendor. Concordo, porém, com Púchkin: lembra-se do que diz ele no seu poema *Eugênio Oniéguin*?

“Quão triste é, na primavera,
Quadra do amor, o refflorir...”

— Arcádio! — chamou do outro carro a voz de Bazárov. — Mande-me fósforos para acender o cachimbo.

Nicolau Pietróvitch calou-se, enquanto Arcádio, que estava já ouvindo-o um tanto admirado e até com certo interesse, se apressava em tirar do bolso

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

